

EXPOSIÇÃO DA CARTA AOS II CORÍNTIOS

AULA III: II Coríntios 11



Prof: Thiago Coutinho

Capítulo 11 – As Marcas de Paulo

2Co 11.23. A comparação de Paulo progrida de sua igualdade aos opositores (11.22) à sua superioridade (11.23). A palavra traduzida por “servos” (“ministros”, BJ) talvez seja expressão de respeito. Caso signifique “escravos de Cristo” indica escravos de status elevado (veja comentário de Rm 1.1). Quanto a “louco”, veja comentário de 2Co 11.1. Ao reduzir o argumento de um oponente ao absurdo, era possível ver a paródia como “loucura” (Élio Aristides, Em defesa da oratória 339, §112D). Paulo começa gloriando-se da própria causa da censura dos coríntios: o seu “trabalho” (veja comentário de 2Co 11.7) feito por pessoas de baixa condição social.

A prisão, em geral, era motivo de vergonha. Alguns filósofos orgulhavam-se de não reagir aos espancamentos. Os judeus louvavam os indivíduos que eram espancados e martirizados por sua fé. 2Co 11.24. As pessoas às vezes listavam os próprios feitos, como em 2Co 11.24-25. O imperador Augusto, por exemplo, ao se gloriar de seus feitos, enumerou alguns deles entre eles, os jogos de gladiadores que patrocinou para o povo romano (Res Gestae 22.1). Segundo a l.E1 judaica, alguns pecados (como violar o sábado ou anunciar profecias falsas) mereciam apedrejamento (como os judeus não podiam cumprir, legalmente, essa pena por causa das restrições romanas nesse período, geralmente só expulsavam os transgressores da comunidade). Outros pecados, menos graves, exigiam somente a pena que consistia em trinta e nove chicotadas (Dt 25.2-3). Os casos eram decididos pelo tribunal da sinagoga. A pena era aplicada pelo assistente da sinagoga. Assim como no caso da violação das leis relacionadas aos festivais ou aos rituais, essa pena era administrada apenas depois de a pessoa haver sido advertida e, mesmo assim, continuar transgredindo. Sob certos limites, os romanos permitiam que os judeus executassem esse tipo de disciplina não mortal na própria comunidade.

Paulo poderia ter escapado desse tipo de disciplina se houvesse renunciado à ligação com seu povo, mas claramente demonstrou não estar disposto a fazê-lo. 2Co 11.25. Em tese, os cidadãos romanos não deveriam ser espancados com varas, mas relatos antigos atestam que essas regras às vezes eram ignoradas pelos oficiais (veja comentário de Atos 16.22).

Quanto ao apedrejamento de Paulo, veja At 14.19. Os sujeitos que viajavam com frequência estavam bastante conscientes do perigo dos naufrágios.

A morte em alto mar era a mais temida na Antiguidade (em parte devido à crença pagã de que o espírito de quem morresse em alto mar ficava vagando para sempre porque o corpo não havia sido sepultado de forma adequada). Como não havia botes salva-vidas como os conhecemos hoje (veja comentário de At 27.30) ou coletes, as vítimas de naufrágio frequentemente passavam longo tempo nas águas e, muitas vezes, não sobreviviam. Para os antigos ouvintes, sobreviver várias vezes a situações semelhantes poderia sugerir proteção divina. 2Co 11.26. Ao falar mais de suas frequentes "viagens", Paulo utiliza o recurso retórico da anáfora (repetição de uma palavra ou expressão inicial) repetindo a palavra "perigos" oito vezes.

Na Antiguidade, viajar era uma das atividades mais arriscadas. Uma tradição judaica de período posterior chega a relatar sacerdotes orando e jejuando dois dias da semana pela segurança dos viajantes. Muitas vezes navegava-se pelos rios para ir da costa às cidades; mais provável aqui é que Paulo esteja se referindo ao perigo de atravessar um rio caudaloso ou ao fato de que eles inundavam as estradas às margens deles, especialmente no inverno e início da primavera.

Os salteadores eram um dos perigos mais temíveis das viagens a pé e um dos motivos pelos quais muitos grupos não viajavam à noite. Os piratas haviam se tornado muito menos comuns nos mares do que em épocas anteriores, mas continuavam a representar um perigo possível. De modo mais geral, a Corinto comercial conhecia bem os perigos das viagens em alto mar. No entanto, os "perigos" de Paulo culminam no que provavelmente são palavras irônicas dirigidas a seus oponentes: "perigos entre falsos irmãos" (A21).

Os versículos 2 Coríntios 11:23-26 fazem parte de uma carta escrita por Paulo aos coríntios, na qual ele defende sua autoridade apostólica e confronta os falsos mestres que estavam influenciando a igreja de Corinto. Nestes versículos, Paulo lista os desafios e sofrimentos que ele enfrentou durante seu ministério.

Paulo começa enfatizando que trabalhou mais arduamente do que seus opositores e passou por dificuldades extremas. Ele se descreve como "servo de Cristo" ou

possivelmente como "escravo de Cristo", mostrando seu compromisso e dedicação ao serviço de Deus.

Ao mencionar a sua experiência de ser açoitado, Paulo destaca que os judeus tinham a prática de aplicar punições físicas, como apedrejamento ou açoitamento, a pessoas que transgrediam suas leis. Paulo enfrentou essas punições por sua fé em Cristo, mostrando sua coragem e perseverança.

Ele também menciona que foi exposto a perigos e naufrágios em suas viagens. Viajar naquela época era perigoso, especialmente no mar, onde os naufrágios eram temidos e muitas vezes fatais. No entanto, Paulo afirma que sobreviveu a essas situações perigosas várias vezes, o que ele interpreta como uma evidência da proteção divina.

Além disso, Paulo destaca os perigos nas estradas, incluindo o risco de atravessar rios caudalosos, o perigo de assaltantes e até mesmo a possibilidade de enfrentar falsos irmãos, ou seja, pessoas que se apresentavam como cristãs, mas na realidade eram falsas e prejudiciais à comunidade.

Esses versículos mostram o quanto Paulo enfrentou adversidades e sacrifícios em seu serviço a Deus, demonstrando sua dedicação e paixão pelo evangelho.